

# “*LA GENT IRRITABLE – LA TRÊVE*”, DE SAINT-POL-ROUX: UMA TRADUÇÃO

Camila Soares LÓPEZ\*

**RESUMO:** O Simbolismo francês não apenas resultou em obras literárias, mas, também, em agrupamentos e publicações periódicas. Nas chamadas *petites revues*, os entusiastas do movimento puderam, ao final do século XIX, divulgar suas produções. Nessas folhas, a crítica literária obteve papel de destaque e ilustrou as relações estabelecidas entre escritores e imprensa da época, que se encontravam imersos em uma atmosfera combativa e evolucionista da literatura. Neste artigo, propomos uma tradução de “*La gent irritable – La trêve*”, texto de crítica assinado por Saint-Pol-Roux e publicado pelo *Mercure de France*, *petite revue* simbolista fundada em 1890. Nas linhas assinadas por Saint-Pol-Roux, é possível encontrar exemplos daquilo que caracterizou a crítica simbolista, o seu momento de publicação e as particularidades do campo literário do *fin-de-siècle*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simbolismo. *Mercure de France*. Crítica Literária.

## Introdução

A investigação de fontes primárias conduz à compreensão de diferentes momentos da literatura francesa. Por meio de jornais e de revistas, as perspectivas literárias cultivadas no século XIX podem ser apreendidas, e aquilo que se discutia nos periódicos é capaz de oferecer subsídios aos estudos atuais.

O Simbolismo francês é comumente associado à poesia e a nomes consagrados, como os de Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine. Entretanto, devemos considerar o papel exercido pelas revistas oriundas de agrupamentos decadentistas e simbolistas: as *petites revues*. Nessas publicações, há textos, nomes e enfrentamentos que compuseram e caracterizaram esse movimento, que se dizia disposto a renovar a arte e dos últimos anos de 1800, e que modificou a relação

---

\* UFU - Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Letras e Linguística - Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia - MG - Brasil. 38408-144 - cslopez\_unesp@yahoo.com.br

entre escritores e editores. Rompeu-se, então, a subordinação às grandes *maisons d'édition*, como Hachette e Ollendorf, pois essas revistas divulgavam a produção daqueles que não conseguiam publicar suas obras em livros – e mesmo criavam suas próprias editoras. As *petites revues* nos dão pistas, ainda, da formação de um “sistema simbolista” que se desenvolveu na França e que reunia imprensa, literatos e seus eventos de sociabilidades.

As bases do Simbolismo brasileiro enraízam-se no Simbolismo francês. Portanto, para a compreensão do dado local, é necessário assimilar as suas origens. Isto justifica a tradução para o português de fontes francesas. Periódicos franceses do século XIX circularam no Brasil, o que nos indica a existência de uma troca de ideias entre escritores e artistas dos dois continentes. Assim, propomos neste artigo a tradução, para a língua portuguesa, do texto crítico “*La gent irritable – La trêve*”, assinado por Saint-Pol-Roux e que consta da edição de outubro de 1891 do *Mercur de France*. Para a maior compreensão do momento e das condições de divulgação desse texto, apresentaremos, nas próximas linhas, dados sobre o *Mercur*, sobre Saint-Pol-Roux, sobre as polêmicas que marcaram o período – endossadas, por exemplo, pela publicação da *Enquête sur l'évolution littéraire*, de Jules Huret, e que foram discutidas nos periódicos, entre outros aspectos.

### **Algumas considerações: *Mercur de France*, Saint-Pol Roux e a crítica das *petites revues***

Na França, o Simbolismo surgiu como via de expressão para uma arte tida como **nova** por seus representantes. E, para além dos versos, o movimento consolidou-se, também, como incursão midiática. De acordo com Yoan Vêrilhac (2014), a criação de revistas e manifestos, bem como a organização de jantares e *soirées*, entre outras iniciativas, caminhavam juntos à criação de verso e prosa, e deram origem a uma geração literária que estabeleceu um “sistema de vanguarda”. Devemos considerar, igualmente, que a figura do escritor do *fin-de-siècle* alcançou notoriedade por meio de suas contribuições em revistas e jornais, tornando-se figura cuja imagem e opiniões eram exploradas.

Por meio das *petites revues*, que disputavam espaço com a grande imprensa da época, os simbolistas puderam divulgar os seus textos e ideias. Eram *petites* por causa de seu formato e, também, porque se opunham às grandes folhas em circulação, a exemplo da *Revue des Deux Mondes* e de jornais como o *Figaro*. Como já se mencionou, jornais e revistas, nesses anos, eram a maior via de difusão da literatura, dadas as condições impostas pelos editores aos escritores e escritoras,

pois apenas nomes consagrados conseguiam ver suas obras publicadas em livros. O espaço do folhetim, por exemplo, foi a porta de entrada para a literatura nos jornais. É preciso levar em conta, outrossim, que a circulação desses periódicos não se limitava às fronteiras da França, mas aportavam em outros continentes, chegando, por exemplo, aos círculos literários brasileiros, como já se mencionou. Em nosso país, escritores oitocentistas possuíam exemplares dessas folhas em suas estantes, bem como discutiam os acontecimentos literários franceses. Prova disso foi o fato de jornais como a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, terem dado vez a esses temas.

O *Mercur de France* foi uma *petite revue*. O título, que remete à uma publicação do século XVI, do Antigo Regime absolutista, foi adotado, em 1890, quando já estava em domínio público, por Alfred Vallette<sup>1</sup> e seus camaradas Louis Dumur, Édouard Dubus e G.-Albert Aurier, para nomear a revista, que se dizia disposta a “[...] publicar obras puramente artísticas e de concepções suficientemente heterodoxas.” (VALLETTE. 1890, p.1, tradução nossa). Em suas páginas, foram divulgados poemas, trechos de romances e de peças teatrais, além de crônicas e crítica literária. Ao lado de manifestações estéticas, os redatores do *Mercur*, em diversos momentos, saíram em defesa de seus colaboradores e colaboradoras, comumente envolvidos em querelas. Para Pierre Bourdieu (1991), o campo literário não se particularizava apenas por empreendimentos individuais, mas, também, por relações que visavam manter ou modificar as estruturas então vigentes.

Logo, eram esses tempos de embates pela “sobrevivência” no campo literário, quando a teoria de evolução das espécies, proferida por Charles Darwin, em 1859, exigia que a perspectiva de evolução se aplicasse, igualmente, à literatura: quando movimentos se sobrepunham e novas ideias surgiam, seus agentes atuavam em amparo de seus preceitos, levantando confrontos que se materializavam nas redações de seus periódicos. A presença de rubricas que contêm notas sobre eventos de sociabilidades, resenhas de livros, correspondências, menções a outras *petites revues*, entre outras, indicam os elementos que reforçam essa premissa.

Em “*La gent irritable – La trêve*”, que abre o número de outubro de 1891 do *Mercur de France*, Saint-Pol-Roux<sup>2</sup> discorreu sobre os jovens poetas a ele contemporâneos, bem como sobre a crítica literária de seu tempo, avaliando questões concernentes ao momento de diversas escolas literárias que coexistiam

<sup>1</sup> Alfred-Louis-Edmond Vallette nasceu em Paris, em 1858. Foi editor, jornalista, romancista e crítico. Dirigiu o *Mercur de France* de 1890 a 1935, ano de sua morte.

<sup>2</sup> Confira Saint-Pol-Roux (1891a).

naqueles anos. A perspectiva evolucionista, citada acima, aparece já nesse título: o vocábulo “*gent*”, em tradução para a língua portuguesa, significa, em seu sentido pouco usado na língua francesa dos dias de hoje – e, por vezes, irônico – “raça” ou “espécie”, o que nos sugere a aproximação com o pensamento darwinista. O próprio fato de termos conhecimento dos diferentes **ismos** da época, como Naturalismo, Realismo, Decadentismo e Simbolismo, corrobora esta hipótese: era necessário, naquele momento, estabelecer uma linha evolutiva entre as estéticas literárias e artísticas, que se sobrepunham umas às outras, sobressaindo-se, como já indicamos, aquelas que possuíam maior força no campo literário: isto é, espaço para publicação, tiragem de vendas de seus textos, entre outros aspectos.

“*La gent irritable – La trêve*” é texto de crítica publicado em meio a outros escritos controversos do *Mercure de France*, como a “*Chronique*”, de Laurent Tailhade (1890) e “*Le Joujou patriotisme*”, de Remy de Gourmont (1891). Em sua crônica, Tailhade desnudou investidas políticas de Maurice Barrès<sup>3</sup>, ridicularizou os cultores dos *vaudevilles* – espetáculos que, para alguns autores da época, configuravam uma intersecção negativa entre o dado comercial e a cultura popular, – entre outras referências ao seu meio. Já Remy de Gourmont trouxe ao público questões acerca da relação entre França e Alemanha, o que lhe custou seu posto na Biblioteca Nacional Francesa, onde era funcionário. Portanto, a atmosfera combativa do *Mercure de France* foi propícia para o acolhimento das palavras de Saint-Pol-Roux, cujas considerações intencionam apaziguar conflitos a elas precedentes.

Outras *petites revues* que eram próximas do *Mercure*, como *La Plume* e *La Revue Blanche*, estavam igualmente imersas em desavenças, seja entre escritores ou com órgãos da *grande presse*. Em agosto de 1891, por exemplo, após Paul Bonnetain<sup>4</sup> ter discorrido sobre as revistas de vanguarda parisienses no *Figaro*, chamando *La Plume* de “menos austera” do que as demais, Léon Deschamps,<sup>5</sup> que era o diretor desta última, recorreu ao seu rol de colaboradores para legitimar o valor dessa publicação: entre eles estavam Paul Verlaine e J.-K. Huysmans, grandes mestres do Decadentismo e Simbolismo. O apelo a figuras notórias conferia certo poder às *petites revues* simbolistas, concordando com seus interesses e atribuindo reconhecimento às suas criações.

Além disso, Deschamps mostrou a cooperação existente entre as *petites revues*, que compartilhavam colaboradores e que lutavam para não sucumbir

<sup>3</sup> Romancista, ensaísta, jornalista e crítico francês.

<sup>4</sup> Escritor e dramaturgo. Foi colaborador do *Figaro* e da *Revue Indépendante*.

<sup>5</sup> Fundador de *La Plume*, foi romancista e poeta.

à efemeridade. No fim do século XIX francês, mais de 300 *petites revues* foram lançadas, mas nem todas conseguiam ultrapassar os primeiros números. Em sua resposta a Paul Bonnetain, declarou:

Não somos nem uma sucursal do Crédit Lyonnais [banco francês], nem uma revista financeira, como parece querer dizer vossa nota consagrada à *La Plume*: jamais recebemos um centavo para inserir o que quer que fosse e ofereço para vos provar que o número de nossas assinaturas é superior ao de todas as revistas camaradas. Isso vos surpreenderá; *Mercur*e, *Entretiens*, *Ermitage* e *La Plume* são unidos por laços de mais estreita amizade; cada um de nós tem seu terreno reservado, seu gênero à parte e os redatores de uma revista são, ao mesmo tempo, redatores das outras. Mais do que isso, a inveja é totalmente desconhecida entre nós quatro, [os diretores] Alfred Vallette, Bernard Lazare, Henri Mazel e vosso criado, que os sucessos de um orgulham os outros três e que nossos esforços respectivos tendem a sempre a servir nossos camaradas (DESCHAMPS, 1891, p. 267, tradução nossa).

Pierre-Pol Roux foi poeta e nasceu em 1861, em Brest, na França. Autodenominando-se “*Saint*” (“Santo”), dizia que os poetas eram “deuses” e que o “Magnificismo”, corrente criada por ele, e seus representantes seriam a via da verdade na poesia. No mesmo ano em que o *Mercur*e divulgou “*La gent irritable – la trêve*”, Saint-Pol-Roux foi, na *Enquête sur l'évolution littéraire*, de Jules Huret<sup>6</sup>, classificado entre os decadentes e simbolistas, isto é, pertencente à geração dos *novos*, que se opunha ao Naturalismo, e subclassificado entre os “teóricos”, ao lado de nomes como os de Stéphane Mallarmé e René Ghil. O trabalho de Jules Huret, jornalista, resultou em uma entrevista que interrogou 64 escritores sobre suas perspectivas para a literatura de então, e que foi lançada, primeiramente, no jornal *Écho de Paris* e, posteriormente, publicada em livro pela editora Charpentier, em 1891. Como já se mencionou, ao longo do século XIX, as “ciências da vida” forneciam “um arsenal de conceitos onde se abastecem as ideologias”, e esses anos eram permeados pela teoria da influência do meio que, na literatura, fora apresentada por Balzac no prefácio da *Comédie Humaine* (GROJNOWSKI apud HURET, 1982, p. 7). Assim sendo, consideramos que a presença de Saint-Pol-Roux entre os interrogados indica sua representatividade nesse cenário.

---

<sup>6</sup> Jornalista e escritor francês. Foi colaborador do *Figaro* e do *Écho de Paris*.

Nas linhas desse inquérito, Saint-Pol-Roux mostrou-se anunciador de uma “profissão de fé” do fazer literário, na qual comparou o poeta a uma “harpa superior”, que se dirigia às “harpas menores” dos demais indivíduos; dizia-se, ainda, entusiasta de uma renovação de “sistemas e de formas” (SAINT-POL-ROUX apud HURET, 1982, p.136), em um momento em que fervilhavam diferentes ideias sobre a construção de versos e rimas. Em uma perspectiva – provocadora – de progresso de escolas literárias, declarou:

Sem tratar as Coisas de aparências, admito, todavia, que a pérola da ideia está latente e palpita sob os parasitas de areias acumuladas pelo tempo e suas úlceras. Sim, todas as pequenas almas que fazem parte da grande alma da Beleza, todas essas adoráveis unidades que contribuem a uma complexidade, têm areia sobre elas. O Romantismo apenas glorificou os insetos de micas e conchas dessa areia, o Naturalismo estabeleceu a conta desses grãos; os escritores do futuro jogarão essa areia, depois a assoprarão para cima, a fim de ressuscitarem o símbolo sepultado, a hamadriade essencial, o coração que bate da asa ao centro de tudo, o espírito da substância (SAINT-POL-ROUX apud HURET, 1982, p. 141-142).

Em sua entrevista a Jules Huret, Saint-Pol-Roux também afirmou que o futuro da Poesia – vocábulo por ele grafado com inicial em maiúscula – estaria nas mãos dos “homens deuses”, citando um trecho que antes publicara no *Mercur*, no texto crítico “*La gloire du verbe*”<sup>7</sup>, quando analisou a produção poética de seu amigo Pierre Quillard,<sup>8</sup> também colaborador da revista:

Os poetas, nós somos deuses, isso é fato. Cada um de nós concebe um mundo, é certo. Todavia, convenhamos que nosso mundo particular é somente o elixir do mundo inicial, tão destramente reintegrado às horas corporais. Nosso original apoia-se no original. O mundo quebrado – copropriedade indivisível de todos na república da vida – é, para nós, necessário considerá-lo como a aprendizagem inata daquele de nosso espírito, que é apenas, sinceramente, o resultado de um desejo de melhor realizar, desejo servido pela moral de nossa estética pessoal. O florescimento do poeta se mede, portanto, por seu gênio de essencialmente compreender ou de se alterar (por um empréstimo

<sup>7</sup> Confira Saint-Pol-Roux (1891b).

<sup>8</sup> Pierre Quillard foi um dos grandes colaboradores do *Mercur de France*. Escreveu poesia e foi dramaturgo.

de intenções ambulantes) as de Deus (SAINT-POL-ROUX apud HURET, 1982, p. 144).

Jules Huret também indagou Saint-Pol-Roux a respeito do Simbolismo. Para o poeta, era necessário cultivar o Simbolismo sem “restringi-lo ao seminário do dogma” e sem “enrijecê-lo”, e inspirando-se nos moldes do que era preconizado, segundo ele, pelas “obras-primas dos príncipes [Maurice] Maeterlinck, Henri de Régnier, Viellé-Griffin, Gabriel Randon, Stuart Merrill”, todos eles do grupo do *Mercur de France*. Por fim, para ele, “Classicismo, romantismo, naturalismo, psicologismo” serviriam de “pedestal” à sua própria corrente, o “Magnificismo”. (SAINT-POL-ROUX apud HURET, 1982, p. 150).

As respostas dadas por escritores na *Enquête sur l'évolution littéraire* reverberaram nas páginas do *Mercur*, bem como de outros periódicos da época, a exemplo do *Figaro*. Nesse jornal, foi comentado por Émile Bergerat, o “Caliban”, que se mostrou irônico diante das opiniões dos seus contemporâneos dadas a Huret (CALIBAN, 16 sept. 1891, p. 1, 1-2 col.). Bergerat colocou-se como um leitor que perdia as páginas da *Enquête* em uma praia, ao vento, sem lamentar desconhecê-las. Ainda segundo o próprio *Figaro*, as entrevistas de Jules Huret eram causadoras de “vivas polêmicas”. No *Intransigeant*, quotidiano francês de caráter político, elas foram classificadas pelo jornalista André Vervoort, como “tristes” de serem lidas e repletas de “[...] pontas venenosas, palavras grosseiras, injustiça, inveja [...]” (VERVOORT, 1891, p.2). Para ele, os escritores indagados não passavam de “saltimbancos”: “Os decadentes e simbolistas pretendem, sozinhos, ser claros e interessantes; os psicologistas se imaginam os únicos com alguma inteligência; os parnasianos querem, sozinhos, conhecer o segredo dos belos versos, e patati e patata.” (VERVOORT, 1891, p. 2, tradução nossa).

O *Mercur* divulgou integralmente trechos desse inquérito, como a resposta de Laurent Tailhade que contém uma declaração espinhosa sobre o fim do Naturalismo – ou seja, uma afirmação das tensões do campo literário e da sucessão entre as estéticas. Anatole France<sup>10</sup>, por exemplo, foi satirizado por Pierre Quillard devido à sua resposta à *Enquête*. De acordo com Quillard, Anatole France não existia e Jules Huret teria se deixado enganar por alguém que teria se passado por ele:

<sup>9</sup> Confira Le Figaro (1891).

<sup>10</sup> Escritor, biógrafo, jornalista e crítico literário francês. Eleito para a Academia Francesa em 1896.

O Sr. encarregado, naquele dia, de chamar-se Anatole France, havia declarado ao Sr. Huret que ele conhecia bem Jean Moréas, mas não seus imitadores, e eis que, poucas semanas depois, um longo catálogo de jovens poetas é publicado sob esse mesmo nome, com glosas cultas: leituras e comentários implicam um trabalho ao qual teria de sofrer, em dez anos, a paciente congregação de Saint-Maur [congregação de monges beneditinos reconhecidos por seu grau de erudição] (P. Q., 1891, p. 316, tradução nossa).

Tal comentário tem origem no fato de Anatole France, quando da publicação do Manifesto simbolista de Jean Moréas no *Temps*, em setembro de 1886, ter zombado do Simbolismo no *Figaro*, nesse mesmo mês. Para ele, o Simbolismo era “obscuro”, uma estética que “nada descreve e nada nomeia” e que, apesar de desejar sobrepor o Naturalismo, dele não se diferenciava como “elemento único”. Além disso, France afirmou que a oposição de Moréas ao gramático Vaugelas e ao poeta Boileau fazia “mal à língua francesa”. Anos depois, para Jules Huret, Anatole France declarou que Jean Moréas era dotado de muito talento, um “artista encantador, que utiliza a velha língua como um linguista, com muita graça” (FRANCE apud HURET, 1982, p. 37).

No mesmo número em que aparece “*La gent irritable – La Trêve*”, Alfred Vallette apresentou suas considerações sobre a *Enquête*, dizendo que Huret era um jovem “arauto” que foi capaz de reunir as opiniões dos 64 escritores que ofereceram respostas às suas questões. Vallette ressaltou, ainda, as opiniões dadas sobre os jovens, os simbolistas e Moréas – elementos essenciais das *petites revues*, assim como a “morte” do Naturalismo. Para ele, a investida de Huret era “interessante” e trazia consigo a seguinte premissa:

O positivismo e o naturalismo chamavam a reação místico-idealista. Todavia, o mundo moderno é muito impregnado do espírito científico para que as escolas de arte nascidas dessa reação tenham uma longa duração; supõe-se mesmo que suas obras não agitarão muito profundamente todas as camadas sociais... E, após esse período, florescerá, sem dúvida, o neo-naturalismo ou, se quiserem, um realismo menos pueril, menos grosseiro, menos materialista, mais sintético, mais culto e mais vasto do que o naturalismo. Mas a literatura neo-naturalista, como a literatura místico-idealista, saberia satisfazer apenas a elite dos letrados; toda uma categoria de leitores – a mais numerosa, que não se interessa por romances dos Srs. Montépin e Richebourg mais do que por aqueles dos Srs. Rosny e Gourmont – ficaria

sem livros, se, possivelmente, não ia renascer o romance romanesco [...] (VALLETTE, 1891, p. 239).

Dadas essas considerações, compreendemos, portanto, que a “*trêve*” – isto é, a “trégua”, o “cessar-fogo” – proposta por Saint-Pol-Roux é resultado das situações apresentadas nos parágrafos anteriores. Seu texto, redigido em primeira pessoa do singular, traz um discurso que assemelha um campo de palavras a um campo de batalhas. A representatividade das revistas nesses conflitos é assinalada, tal qual a postura dos jovens poetas que buscavam o reconhecimento de seus versos. São apresentadas reflexões acerca do fazer crítico e, também, oferecidas pistas sobre as sociabilidades do período – isto é, como as relações de amizade e de distanciamento interferiam nas redações das revistas.

Nas próximas linhas, transcrevemos nossa proposta de tradução do texto de Saint-Pol-Roux. De todas as classificações apresentadas pelos escritores, críticos e jornalistas da época, percebemos que se sobressaía apenas uma espécie entre os combates pela sucessão literária e supremacia das estéticas: a dita “irritável”.

### “*La gent irritable – La trêve*”: uma tradução

#### A espécie irritável – A trégua

Assistimos a esse novo combate: Rapazes ferindo-se a golpes de pluma.

Trata-se dos Poetas – é preciso dizê-lo?

Eles não podem se encontrar sem tricotar olhares maldosos no espaço que os separa. Trocam uma palavra, e ela é uma bala.

De cada fortaleza de papel – oh, as fraternas *revistas* de outrora! – espalham-se nos campos rivais bombardeios de cusparadas.

O aperto de mãos, essa flor dupla, não desabrocha mais no Jardim da Beleza. Tal infortúnio não pode durar, realmente!

Eu peço Trégua.

O filósofo da Moral Egoísta e o pai da Luta-pela-vida, Hobbes, declara que o homem é o lobo do homem: *homo lupus homini*.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Sentença proferida por Plauto (254-184) e popularizada por Thomas Hobbes no século XVII (N. do T.)

Os nossos Jovens Poetas parecem reivindicar o monopólio dessa sentença desoladora. Enquanto tudo tende ao elogio, nesses dias de Fragatas Favoráveis, somente eles se encontram em querela: *vates vati lupus*. Eu não conheço um presídio onde haja mais ódio do que entre a Jovem Literatura.

Lede esses órgãos, entrai em suas capelas, degradingolai em seus subsolos; vós sereis edificados.

Ali, blasfema-se com prazer,

Ide! Ninguém é poupado na distribuição. Cada um recebe sua parte do pão abençoado. A minha chega pontualmente; eu a saboreio com misericórdia e, graças a Deus, tenho fácil digestão. Nada predispõe ao perdão como uma refeição copiosa; levanto-me da mesa apenas para absolver evangelicamente.

Nesses últimos tempos, publicada minha Declaração, fui muito atacado. Proclamar a Arte da BUSCA DO ABSOLUTO é, segundo alguns espíritos elevados, um crime de lesa-banalidade, que merece vivas framboesas da fogueira. Minha gula impede-me de chamá-lo assim.

Mas vejam a maneira pela qual os camaradas tratam, aqui e ali, Charles Morice, René Ghil, Dumur, Remy de Gourmont, Gustave Kahn, Henri de Régnier, Jean Moréas, Paul Adam...

Ah! eu vi muitas ameixeiras agitadas pelo mistral, mas nunca tão forte!

A Crítica da mãe Angot<sup>12</sup> tornou-se a nossa.

Pois bem, isso deveria cessar, de uma vez por todas!

Eu sei, nós pecamos, uns e outros, mais ou menos. E isso é bom! Um poeta infalível seria um perfeito notário. Sei ainda que a Crítica tem sua razão de ser. Digamos mais: a Crítica é tutelar; ama-de-leite, – por pouco que vós a considerais. Acrescentai a isso o fato de que existe, em nosso tempo, um certo encanto em colher um maço de palha no olho do vizinho. Depois, os defeitos dos outros são um pouco as nossas virtudes, não é verdade?

Tudo isso, eu compreendo.

Admito mesmo, com prazer, que a Crítica, essa velha mania implantada em nossos costumes juvenis, é incurável!

Abastecemos-nos, portanto, se isso é assim; vamos prover nossas prateleiras com o olho esquerdo do vizinho até que ele possa instalar-se com as vigas retiradas de nosso olho direito; critiquemos, certo, critiquemos muito; ao menos,

---

<sup>12</sup> Referência à personagem da ópera-cômica *La fille de Madame Angot*, de Charlos Lecoq (1872). A Senhora Angot era o arquétipo da “mulher grosseira” que enriquece repentinamente (N. do T.).

embelezemos com fitas as nossas palmatórias e, por Deus, não lancemos pedras na cabeça uns dos outros, mas cascalhos polidos, ou seja, argumentos.

Longe de mim a fraqueza de implorar que esmaguemos o nariz com adulações recíprocas, nem que nos atribuamos um gênio mútuo, como nos bons velhos tempos de Béranger.

Não!

Troquemos uma Crítica judiciosamente amigável, isso é tudo!

Amemo-nos, certamente, Poetas!

Amemo-nos simplesmente, fora de quaisquer privilégios de escolas! Amemo-nos como adversários leais e generosos! Amemo-nos porque somos a Juventude e, amanhã, será tarde demais! Amemo-nos porque, se quisermos, o Ódio custa caro e a Amizade é mais econômica... geralmente!

Enfim, reinstauremos a cortesia em nossos artigos, coloquemos uma presilha em nosso discurso e rendas em nossos gestos, quando eles se dirigem ao Poeta, – pois o Poeta abriga uma Grande Dama: sua Alma!

Um escritor de minha geração, que há muito tempo se esquivou das ilusões de nossas simpatias e da hipocrisia de nossa atmosfera, me dizia:

- “Os Jovens Poetas, veja, são os Leprosos do Verbo. Eu evito sua cidade de Aosta<sup>13</sup> e trabalho com arte em minha pura solidão. Em nossos dias, a presença é humana e a ausência, divina”.

Portanto, tentemos nossa metamorfose, sejamos sociáveis e melhores; do contrário, cada um de nós também deverá terminar como Homen das fitas verdes:<sup>14</sup> fugir!

É fácil, parece-me, poupar-se o desfecho de Alceste.<sup>15</sup> Não mais ácido em nossos tinteiros a partir de agora, e estendamos uma mão justa, assim como uma asa de andorinha: receita simples, naturalmente.

Querelar não é viver.

Mas, talvez, eu tenha examinado a situação através de lentes de aumento escuras, e, sem dúvida, tenha errado em acreditar tanto na Guerra dos Deuses.

---

<sup>13</sup> Talvez se trate de uma referência à comuna de Aosta, na Itália, que aparece na obra *Le Lépreux de la cité d'Aoste*, de Xavier de Maistre (1811), e que narra a história de um leproso enclausurado em uma torre (N. do T.).

<sup>14</sup> Referência a um personagem da peça *Misanthropo*, de Molière (N. do T.).

<sup>15</sup> Também personagem de Molière. Por denunciar a hipocrisia da sociedade, é obrigado a fugir (N. do T.).

Eu prefiro conjecturar uma breve disputa, causada por um mal-entendido que nasceu de causas estranhas.

Com efeito, parece-me odioso pensar que Poetas possam, assim, de propósito, desmerecer Cisnes e Lírios. Reflexões feitas, eu me convenço que, se começarem uma guerra, será pelo conselho de Vozes Malignas.

Em torno da Literatura vaga uma falange de Macacos sem rimas nem razão, cuja inatividade consiste em levar seu desabafo do Oriente ao Ocidente, com o único fim de misturar, por meio de procedimentos bisbilhoteiros, o Sol-que-se-põe com o Sol-que-se-levanta.

Entre nossos inocentes Poetas, há certamente quem carregue essa repulsiva diplomacia

O mal vem desses sicofantas,<sup>16</sup> que somente a atividade de Judas coloca entre os Apóstolos.

No futuro, metamos o pé em sua outra face.

Isso nos trará felicidade.

Para concluir:

Esqueçamos nossas rusgas e desarmemo-nos. A hostilidade dos Velhacos é suficiente; oponhamos a ela nossa paz interior.

*Genus amabile vatium*<sup>17</sup>

Consequentemente, eu peço aos Srs. Camille de Sainte-Croix, Bernard Lazare e Vielé-Griffin, Henri Mazel, François de Nion e George Bonnamour, Iwan Gilkin, Zo d'Axa e Paul Roinard. Léon Deschamps, Maus, Werhaeren e Picard, Marius André, Paul Redonnel, Charles Bourget, G. de Dubur, Albert Mockel e Pierre-M. Olin, Robert Bernier, Camille Mauclair, René Ghil, Alfred Vallette... diretores ou redatores-chefe, para pregar a conciliação aos seus Colaboradores, – que seja Simbolista, Evolutivo, Romano, Romanesco, mesmo Magnífico.

10 de setembro.

Saint-Pol-Roux

---

<sup>16</sup> Delatores; mentirosos (N. do T.).

<sup>17</sup> Possivelmente, trata-se de sentença inventada por Saint-Pol-Roux (N. do T.).

**“LA GENT IRRITABLE – LA TRÊVE”, BY  
SAINT-POL-ROUX: A TRANSLATION**

**ABSTRACT:** *French Symbolism not only resulted in literary oeuvres, but also in groups and periodicals. The petites revues were born to publish the symbolists' productions, in the end of the 19<sup>th</sup> century. In these papers, literary criticism obtained an important role and illustrated the connections established between writers and press of that period; they were immersed in a combative and evolutionist atmosphere of literature. In this article, we propose a translation of the text “La gent irritable – La trêve”, signed by Saint-Pol-Roux and published by the Mercure de France, a French petite revue founded in 1890. In Saint-Pol-Roux's lines, it is possible to find examples of what characterized the Symbolist criticism, its moment of circulation and the particularities of the literary field in the fin-de-siècle.*

**KEYWORDS:** *Symbolism. Mercure de France. Literary Criticism.*

**REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, P. Le champ littéraire. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v.89, p.3-46, sept. 1991.

CALIBAN. Le livre en feuilles volantes. **Le Figaro**, Paris, 19 sept. 1891. p.1, 1-2 col.

DESCHAMPS, L. Lettre ouverte à M. Paul Bonnetin, du *Figaro*. **La Plume**, Paris, n.56, 15 août 1891. p. 267, 1-2 col.

GOURMONT, R. De. Le Joujou patriotisme. **Mercure de France**, t.16, p.193, avr. 1891.

HURET, J. **Enquête sur l'évolution littéraire**. Notes et Préface de Daniel Grojnowski. Paris: Les Éditions Thot, 1982.

LE FIGARO. Échos. **Le Figaro**. Paris, 13 août 1891. p.1, 6 col.

LECOCQ, C. **La Fille de Mme Angot**. Opéra bouffe en 3 actes. Paroles de H. M. Clairville, Siraudin et Koning. Bruxelles, 1872.1 partitura (52 p). Opéras.

MAISTRE, X. de. **Le Lépreux de la cité d'Aoste**. Saint-Pétersbourg : Pluchart, 1811.

MOLIÈRE. **Le Misanthrope**. Avec une notice sur le théâtre au XVII<sup>ème</sup> siècle, une biographie chronologique de Molière, une étude générale de son œuvre, une analyse méthodique de la pièce. Paris : Bordas, 1964.

P. Q. Journaux et revues. **Mercure de France**, Paris, t.3, p.315-316, nov. 1891.

SAINT-POL-ROUX. La gent irritable – La trêve. **Mercure de France**, Paris, t.3, p.193-196, oct. 1891a.

Camila Soares López

\_\_\_\_\_. La gloire du verbe, par Pierre Quillard. **Mercure de France**, Paris, t. 2, p.115-120, févr. 1891b.

TAILHADE, L. Chronique. **Mercure de France**, t.2, p.33, fév. 1890.

VALLETTE, A. Enquête sur l'évolution littéraire. **Mercure de France**. Paris, t. 3, p. 236-239, oct. 1891.

\_\_\_\_\_. Mercure de France. **Mercure de France**. Paris, t.1, p. 1-4, janv. 1890.

VERILHAC, Y. La fabrique médiatique de la postérité du symbolisme. **Médias 19** [En ligne], Problématiques et perspectives, Publications, L'Atelier médiatique de l'histoire littéraire. Disponible: <<http://www.medias19.org.php?id=16001>>. Acesso em: 25/05/2019.

VERVOORT, A. Chronique: L'évolution littéraire. **L'Intransigeant**, Paris, 27 ag. 1891, p.2-3.

## ANEXO

### ANEXO A - LA GENT IRRITABLE - LA TRÊVE DE SAINT-POL-ROUX

#### LA GENT IRRITABLE - LA TRÊVE

On assiste à ce combat nouveau : des Jeunes Hommes s'estafilant à coups de plume.

Il s'agit des Poètes, — est-il besoin de le dire ?

Voilà qu'ils ne peuvent se rencontrer sans tricoter de regards méchants l'espace qui les sépare. Échangent-ils un mot, c'est une balle que ce mot.

De chaque forteresse de papier — ô les fraternelles revues d'antan ! — s'épivardent sur les camps rivaux des obus de crachats.

La poignée-de-mains, cette double fleur, ne s'épanouit plus au Jardin de la Beauté.

Une telle misère ne peut durer, vraiment !

Je demande la Trêve.

Le philosophe de la Morale Égoïste et le père de la Lutte-pour-la-vie, Hobbes, déclare que l'homme est un loup pour l'homme : homo lupus homini.

Ce désolant apophthegme, nos Jeunes Poètes semblent en revendiquer le monopole. Alors que tout tend à la caresse, par ces jours de Frégates Sympathiques, seuls ils sont en querelle : vates vati lupus. Je ne sache pas un baigneur où l'on se hâisse davantage que parmi la Jeune Littérature.

Lisez ses organes, entrez dans ses chapelles, dégringolez dans ses sous-sols; vous serez édifiés.

On s'y blasphemé avec délices.

Allez! nul n'est épargné dans la distribution. Chacun reçoit sa part de pain bénit. La mienne me parvient ponctuellement; je la savoure avec miséricorde, et, Dieu merci, j'ai la digestion facile. Rien ne prédisposant au pardon comme un repas copieux, je ne me lève de table que pour absoudre évangéliquement.

Ces temps derniers, ma Déclaration parue, je fus gâté par trop. Proclamer l'Art de la recherche de l'absolu est, selon quelques hauts esprits, un crime de lèse-banalité méritant les vives framboises du bûcher. Ma gourmandise me défend d'en appeler.

Mais voyez la manière dont les camarades traitent, ça et là, Charles Morice, René Ghil, Dumur, Remy de Gourmont, Gustave Kahn, Henri de Régnier, Jean Moréas, Paul Adani...

Ah ! j'ai vu bien des pruniers secoués par le mistral, jamais d'aussi roide façon !

La Critique de la mère Angot est devenue la nôtre.

Eh bien, cela devrait cesser, une bonne fois!

Je le sais, nous péchons les uns et les autres, plus ou moins. Et c'est heureux ! Un poète infallible serait un parfait notaire. Je sais encore que la Critique a sa raison d'être. Disons davantage : la Critique est tutélaire; nourricière, — pour peu que vous y teniez. Joignez à cela qu'il est, à notre âge, un certain charme à ramasser une botte de paille en l'œil du voisin. Puis les défauts des autres sont un peu nos vertus, est-il pas vrai ?

Tout ça, je le conçois.

Même j'admets volontiers que la Critique, cette vieille manie implantée dans nos mœurs juvéniles, soit incurable, là !

Fourrageons donc, s'il en est ainsi, allons approvisionner nos rateliers à travers l'œil gauche du voisin jusqu'à ce que le voisin ait pu se mettre dans ses meubles avec les poutres retirées de notre œil droit, critiquons, c'est entendu, critiquons à tire-larigot; du moins enjolivons de rubans nos fêrues, et, pour Dieu, ne nous lançons pas des pavés à la tête, mais des cailloux polis, c'est-à-dire des arguments.

Loin de moi la faiblesse d'implorer que l'on s'écarbouille le nez à coups d'encensoir réciproque, ni que l'on s'accorde un génie mutuel comme au bon vieux temps où Béranger filait.

Point !

Echangeons une Critique judicieusement amicale, voilà tout !

Aimons-nous, certes, les Poètes !

Aimons-nous simplement, en dehors de tous privilèges d'écoles ! Aimons-nous en adversaires loyaux et généreux ! Aimons-nous parce que nous sommes la Jeunesse et qu'il sera trop tard demain ! Aimons-nous parce que, si l'on veut, la Haine coûte cher et que plus économique est l'Amitié... généralement !

Enfin réinstaurons la courtoisie dans nos articles, mettons une ganse à notre discours et des jabots à nos gestes, lorsqu'ils s'adressent au Poète, — car le Poète abrite une Grande Dame : son Âme !

Un écrivain de ma génération, qui depuis longtemps a fui le leurre de nos sympathies et l’hypocrisie de notre atmosphère, me disait :

— « Les Jeunes Poètes, vois-tu, sont les Lépreux du Verbe. J’évite leur cité d’Aoste et j’œuvre bellement dans ma pure solitude. De nos jours, la présence est humaine et l’absence divine. »

Tentons donc notre métamorphose, soyons sociables et meilleurs, sinon chacun de nous aussi devra conclure en Homme-aux-rubans verts : fuir !

Il est aisé, ce me semble, de s’épargner le dénouement d’Alceste. Plus d’acide dans nos encriers désormais et tendons-nous une main probe ainsi qu’une aile d’hirondelle : recette simple, s’il en fût.

Être chien de faïence n’est pas vivre.

Mais peut-être examiné-je la situation avec un verre noir grossissant, et sans doute ai-je tort de croire tant à la Guerre des Dieux.

Je préfère supposer une courte prise d’armes engagée sur un malentendu né d’étrangères causes.

Ce m’est odieux en effet de penser que des Poètes puissent ainsi, de propos délibéré, démériter des Cygnes et des Lys. Réflexions faites, je me persuade que, s’ils partaient en guerre, c’est sur le conseil de Voix Malignes.

Autour de la Littérature rôde une phalange de Macaques sans rimes ni raison, dont le désœuvrement consiste à promener leur poche-à-fiel de l’Orient à l’Occident à seule fin de brouiller, moyennant des procédés fouinards, le Soleil-qui-se-couche avec le Soleil-qui-se-lève.

Chez nos innocents Poètes, il en est sur qui porte cette hideuse diplomatie.

Le mal vient de ces sycophantes que leur seul office de Judas met au nombre des Apôtres.

A l’avenir, jouons du pied dans leur second visage.

Cela nous portera bonheur.

Pour conclure :

Oublions nos égratignures passées et désarmons. L’hostilité des Vieilles Barbes est suffisante; opposons-lui notre paix intestine.

*Genus amabile vatium.*

En conséquence, je prie MM. Camille de Sainte-Croix, Bernard Lazare et Vielé-Griffin, Henri Mazel, François de Nion et George Bonnamour, Iwan

Camila Soares López

Gilkin, Zo d'Axa et Paul Roinard, Léon Deschamps, Maus, Werhaeren et Picard, Marius André, Paul Redonnel, Charles Bourget, G. de Dubor, Albert Mockel et Pierre-M. Olin, Robert Bernier, Camille Mauclair, René Ghil, Alfred Vallette... directeurs ou rédacteurs en chef, de prêcher la conciliation à leurs Collaborateurs, — que l'on soit Symboliste, Evolutif, Roman, Romanesque, voire Magnifique.

10 septembre.

Saint-Pol-Roux.

